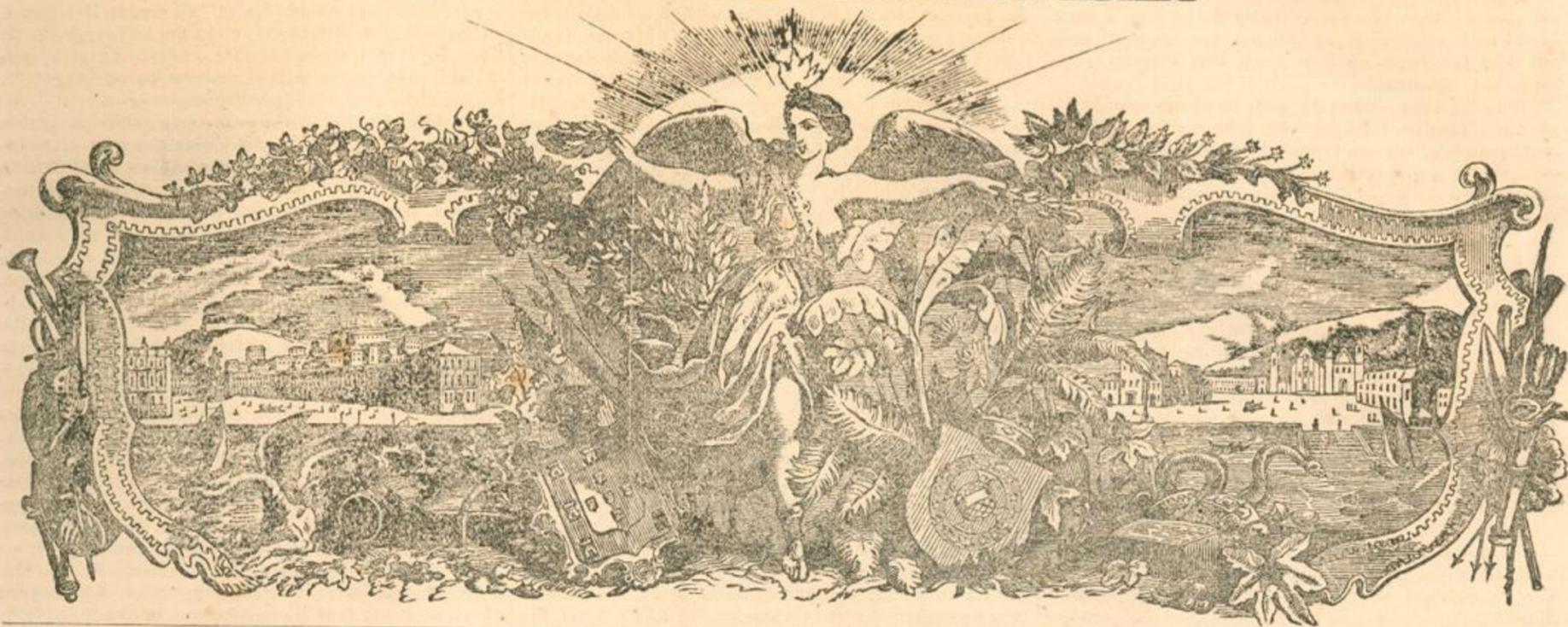


A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 35000 rs. — Semestre 15000 rs. —
Trimestre 5000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 3. — SABBADO, 19 DE JANEIRO DE 1855.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 25100
Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000 rs.

REVISTA POLITICA.

Novamente desapareceram, como enganoso sol de inverno, as esperanças dos partidarios da paz. Se não mentem as ultimas participações telegraphicas, a Austria mandou retirar da corte de S. Petersburgo o seu embaixador; signal evidente de que o imperador Alexandre não accetia, pelo menos absoluta e integralmente, as propostas que offerecia a potencia medianeira.

É provavel que esta se limite ainda a uma neutralidade armada; em todo o caso é um obstaculo ás armas da Russia pelo lado do Pruth, e quem sabe o modo porque se decidirá relativamente ás margens do Danubio. Esperando prudentemente os acontecimentos, achamos mais proveitoso tomar de fonte exacta e auctorizada o quadro substancial dos successos no anno, que findou, como ponto de partida, e *illustração* dos que sobrevierem e que teremos de appresentar á consideração dos nossos leitores.

Para apreciar estes successos cumpre ainda lançar os olhos para 1854, anno da primeira guerra commum á França e á Inglaterra ha dois seculos a esta parte, que viu desenvolver-se uma alliança nova austro-prussiana, e que semeou o germen fecundo de uma coalisção geral europea em nome do direito ludibriado e da segurança do continente ameaçada pela ambição de uma só potencia. Tais foram os resultados das diligencias activas de um poder, que tem a vocação da conquista e por alvo o predomínio moral e material do mundo moderno. O imperador Nicolau, suscitando a questão de preponderancia absoluta no Mar Negro, querendo dictar ordens no palacio dos sultões por meio do seu activo enviado, o principe de Menschikoff, não velicava unicamente a susceptibilidade de uma nação decrepita, inhabilitada para a defesa de seus cercados dominios. As potencias de primeira ordem perceberam claramente que o enviado russo tomava de uma questão religiosa pretexto para abrir passo ás legiões que deveriam assenhorear-se da rainha do Bosphoro, completando o mappa delineado por Pedro o grande. A appareição dos cossacos no Danubio, posto que podia considerar-se violação do tratado de 1841, não evidenciava ainda bem distincta a politica invasora, que se pateou em toda a sua nudez na carnagem de Sinope. Desde então foi indubitavel que a soberba e orgulho se associavam á perfidia para consumir a espoliação de um adversario, cujo delicto consistia unicamente na sua fraqueza, e levar a corte de S. Petersburgo aos vistosos torresões de Santa Sophia.

Sentiu-se a Europa abalada pelo inaudito do agravo; e a diplomacia, que fôra indifferente para obstar-lhe, apressou-se a celebrar o tratado de 3 de dezembro, abrindo a passagem dos Dardanellos ás esquadras, que em seus bem equipados baixéis transportavam os corajosos soldados de Austerlitz e os valentes filhos de Albion.

Continuaram os russos avançando na Moldo-Valaquia para verem marchar antigos louros ante os esforços dos heroicos defensores de Silistria, tendo de retroceder em pouco tempo sob a pressão das divisões austriacas que vinham occupar os principados.

Foram com tanto sigilo tomadas as providencias e tão rapidas as operações dos alliados no desembarque e ataque na Crimea que o seu inimigo se viu abatido em duas sanguinolentas batalhas, sem poder evitar que o baluarte da península Taurida, Sebastopol, fosse cercado pela artilheria dos occidentaes, submettido d'ahi a pouco a um fogo violento. Era de sobejo pezado o golpe para o orgu-

lho moscovita, que se ia refugiar na Alemanha, apurando os esforços diplomaticos para conseguir um pacto que consignasse a neutralidade absoluta. Sacudida a influencia russa em vista dos sentimentos de justiça, determinase a evacuação definitiva dos principados pelo tratado austro-prusso de 20 d'abril; proseguem as negociações em agosto, e concluem pelo tratado de 2 de dezembro, que firma as suas quatro condições como a derradeira palavra de paz, pelo consenso das quatro potencias.

Tal era a situação militar e diplomatica da Europa ao começar o anno de 1855. A Inglaterra e a França, adherindo do modo mais activo á causa da Turquia, haviam, derramado promiscuamente o sangue em duas batalhas, coroadas pela victoria, Alma e Inkermann; a Austria occupava os principados danubianos sem decidir-se pela alliança offensiva; a Prussia, unida por affeição á chancellaria russa e por interesse ao occidente, fluctuava á mereç das duas forças oppositas sem acertar a dar um passo resolutivo; as potencias alemãs embuçavam-se na capa da neutralidade, mais favoravel do que prejudicial para a Russia, cujas fronteiras ficavam assim ao abrigo de todo o ataque; os demais estados do continente pareciam absorptos pela magnitude do successo, sem se declararem a pro de nenhum dos contendores; a opinião publica, que domina o mundo actual, fazia votos pelo triumpho a favor das armas alliadas.

Será possivel a paz?... Perguntava-se, como ainda agora, em janeiro de 1855. Se a evacuação dos principados, que havia sido imposta á Russia, fosse então considerada como uma concessão; se fosse possivel mudar a indole da luta convertendo-a em guerra de interesses de potencia a potencia; se as bases de 8 d'agosto, incluídas no tratado de 2 de dezembro, não tivessem consignado o principio da incompatibilidade com o poder que se julga chamado ao engrandecimento pelo ensanguentado caminho da conquista n'este seculo amante da discussão pacifica, que é o do rapido progresso da industria e do predomínio da razão; as negociações poderiam ter tido uma solução pratica. Mas, quando tão encontrados elementos pugnam e disputam o mando no universo, os diplomaticos não tem força; a opinião publica é o unico juiz do conflicto, e á sua decisão inexoravel terão de submeter-se a final os governos; e essa opinião não vê outro desenlaçe possivel senão por via das armas, porque se persuade de que a liberdade e civilização do oriente implica a liberdade dos povos da Europa.

Cada dia do passado anno robustecia os designios bellicosos das potencias. O ministerio inglez retira-se instado pelos partidarios da guerra, que ameaçam a tranquillidade da Alemanha; provoca-se alliança dos povos pela adhesão livre e activa da Sardenha; o povo de 1789, confiando menos na paz do que os diplomaticos, responde ao convite do imperador Napoleão triplicando o emprestimo extraordinario, que o corpo legislativo decreta para occorrer ás necessidades da guerra. Tudo indicava que a luta seria dentro do anno fecunda em resultados; e a adherencia da Russia, verdadeira ou simulada, ao tratado de 2 de dezembro é uma luz fraca que se esvaece ante os poderosos meios accumulados na Crimea para dar ás operações impulso vigoroso.

Os combates nocturnos de 22 e 24 de fevereiro são preludio de outros mais decisivos. Os rigores do inverno com acompanhamento de enfermidades mortiferas, que desorganizam os regimentos inglezes, não impedem que avancem obras estupendas de ataque contra as de defesa

do inimigo; e os successores dos soldados de Marengo assignalam de novo o seu arrojo e valor; successos inesperados vem dar impulso ás operações da campanha.

As camaras da Sardenha accetam alliança sem reserva; o corpo legislativo francez reforma as leis militares sem desattender os interesses materiaes do paiz; o ministerio Palmerston modifica-se levado da opinião nacional, que pelo orgio de Roebuck formula censuras sobre a delonga da guerra.

A chancellaria russa accetia o repto da casa de Sabaoya, devolvendo-lhe, uma declaração explicita; então é que o genio guerreiro, o turbulento agitador da Europa, perrece devorado pela febre ambiciosa que deu origem ás perturbações que presenciámos. A morte do imperador Nicolau vem suspender as conferencias de Vienna; os gabinetes assombram-se, os povos duvidam da noticia, e todos prescram o segredo do futuro crendo que o gelo do sepulchro vae pôr termo á contenda. Que fará o imperador Alexandre? Julgará, como seu pae, que a dissidencia de duas potencias rivaes ha seculos, o cume entre a Austria e a Prussia quanto á supremacia na Alemanha, a fraqueza relativa da Turquia, quebrará os laços da alliança adversa ao imperio moscovita; ou accetará os factos consummados, declarando ao mundo que renuncia á continução de uma guerra desastrosa para seus vassallos ainda mesmo dada a feliz eventualidade do triumpho?

Pouco tempo é bastante para dissipar as duvidas: o manifesto do novo czar, moldado pela politica de seu pae, que intentava dominar na Alemanha pela influencia, e no Mar Negro pela força, annuncia aos habitantes de todas as Russias que a politica tradicional será defendida no terreno das negociações e no campo da batalha. O imperador Alexandre auctorisa com poderes novos o principe Gortschakoff para tratar sobre a base das quatro garantias, ao mesmo tempo que se dirige aos exercitos promettendo-lhes o engrandecimento do povo que se intitula orthodoxo.

Dahi por diante não ha duvida de que as conferencias de Vienna são da parte da Russia um expediente para encher tempo, confiando manter á sombra d'ellas a influencia que os acontecimentos de 1848 lhe deram na Alemanha; e que de accordo com a Prussia, cujas velleidades são reveladas pela imprensa de Londres, propõem-se a accumular meios de resistencia nos extremos do imperio ao abrigo da neutralidade que protege as suas extensas fronteiras. A circular do conde de Nesselrode illude a resolução da terceira base das garantias requeridas, ao passo que o rei Frederico Guilherme mostra a sua connivencia reclamando contra a validade das negociações de que a Russia é excluída.

Porém, deixemos a caduca diplomacia occupada em buscar soluções impossiveis, para registarmos os factos que succedem até 9 de abril, dia da suspensão das infructiferas conferencias. — A força inevitavel das cousas converteu uma questão diplomatica, na origem ou no pretexto, em guerra com a Turquia; a guerra com a Turquia produziu outra entre a Russia e as potencias maritimas; e a do Mar-Negro e a da Crimea, pôde provocar guerra geral europea. A essencia da questão é bem perceptivel. As considerações que moveram desde esse periodo as potencias occidentaes ficam para o numero seguinte.

Continúa.

REVISTA LITTERARIA DO ANNO DE 1855.

Passou o anno de 1855.

É mais um passo dado na vida dos homens; é mais um periodo decorrido na existencia das nações, é mais um instante submergido na voragem dos tempos; é mais um capitulo cerrado na historia das elucubrações do espirito e da imaginação.

Debaixo d'este ultimo ponto de vista, não se póde dizer que o anno de 1855 deixasse de correr fertil e florecente para nós. Diz um escriptor celebre que as grandes catastrophes dos acontecimentos da vida, que os grandes espectaculos dos povos em conflicto, accendem a inspiração aos maiores genios, e affogam as vocações indistinctas no tropel dos acontecimentos do mundo exterior.

Entre nós deu-se a excepção.

No meio d'esse immenso movimento dos espiritos e dos factos que arrasta a Europa para destinos ainda bem pouco definidos, é lisongeiro ver Portugal, como alheio d'essa febre reaccionaria que tem armado povos e reis uns contra os outros, ir progredindo na sua tarefa de civilização. Em vão o ceu se tolda de grossas nuvens ao longe, de balde o scintillar do relampago e o ribombo do trovão annunciam a guerra e o exterminio, a abelha diligente e incessante por entre os esplendidos vergeis, através da mais fecunda e virente vegetação, vai colhendo o mel de cada dia, e depositando-o n'esse edificio, sempre crescente, chamado illustração de um povo.

Sentados no limiar do anno que se abre, e ainda mal despedidos d'aquelle que finda, é grato realmente alongar os olhos pelo espectaculo que formam esses genios fadados, d'esses engenhos brilhantes, dessas vocações desenvolvidas pelo esforço e pelo estudo, pela perseverança e pela meditação, desses nobres corações que se obstinam, em despeito das contrariedades da vida, a caminhar para o futuro, que um sentimento intimo lhes indica. A historia e o romance, o drama e a critica ligeira, o poema e a comedia, tudo ahi figura. E se não apresentamos uma quantidade de obras equivalente ao movimento annual da França e Alemanha, d'esses paizes onde as faculdades da intelligencia parecem multiplicar-se, atestando-o em monumentos que de dia para dia mais enriquecem aquelle verdadeiro imperio da imaginação e do atticismo, se isto não acontece, muitos livros de valia se vão produzindo entre nós que supprem, pelo valor intrinseco, outros que não se recommendam senão pelos dotes da phantasia, e, quando muito, pelos fulgores de um estylo deslumbrante.

É sobremaneira difficil o trabalho a que nos propomos—passar revista em poucas paginas aos trabalhos litterarios de 1855. N'um tão pequeno circulo é necessario como resumir ou apresentar o substracto de uma obra em breves palavras, tarefa penosa em que a concisão nem sempre triumpho da difficuldade.

N'este trabalho poromos de fóra, além d'essas publicações que nascem logo marcadas com o selo da morte, e outras que desaparecem no redemoinhar dos acontecimentos sem despertar a attenção publica, nem mesmo conseguirem apparecer á superficie da publicidade, poromos de fóra, repetimos, o jornalismo politico, essa immensa elaboração do espirito e da imaginação que acorda de manhã para morrer á noite; complexo de talento e sciencia da vida, de previdencia e temeridade, de ironia e cholera, de perseverança de ataque e contumacia de repulsa, que scintilla e se apaga na atmospherá das paixões politicas; lida vertiginosa onde as pequenas misérias e as mais nobres aspirações, onde Chateaubriand e Marat, de Villele e Thiers ou o mais obscuro escriptor, Victor Hugo ou o mais ignobil folliculario, são igualmente heroes ou pygmeus, segundo a aberração dos fanaticos politicos e a tyrannia das circumstancias.

Mas no meio de todas estas contrariedades, que poderão deprimir o caracter do escriptor politico, visto através do prisma das paixões partidarias, ha uma qualidade, aquella que mais se oppõe ao natural orgulho do homem de letras, que ninguem lhe poderá disputar, e que só por si resume o seu panegyrico e o exalta no conceito da critica desapassionada: esta qualidade é a abnegação da sua individualidade como operario do já immenso edificio da imprensa periodica. Quantos jornais publicam quotidianamente artigos que só por si bastavam a fazer e proclamar uma reputação, e cujos auctores morrem absorvidos no seio d'essa entidade collectiva, chamada jornal? Ouvem em roda de si exaltar os rasgos do seu espirito, a elevação das suas considerações politicas ou sociaes, e, anonymos e recolhidos, assistem como espectadores aos seus proprios triumphos, tendo de desaparecer por detrás do titulo da obra de que são alma e inspiração!

Lei fatal da civilização moderna que tende, em todas as suas manifestações, a fazer desaparecer o homem no seio das suas mais esplendidas maravilhas, deixando-lhe apenas o goso intimo de haver cooperado para esses documentos da sua intelligencia e audacia, que se erguem sob o influxo commum de muitos desejos, vontades e intelligencias!

Daremos o primeiro logar á historia n'esta revista.

Não seria n'este caso que Voltaire podesse dizer, com direito, de nós o que disse dos seus:—«*La France fourmille d'historiens et manque d'écrivains.*»—Tres dos nossos mais brilhantes escriptores, que dispõem de todas as galas do estylo e dominam a lingua como mestres, se oc-

cupam actualmente de trabalhos historicos: os srs. Alexandre Herculano, Rebello da Silva, e Mendes Leal.

O primeiro de todos, o grande escriptor, o archeologo infatigavel, o sr. Alexandre Herculano, começou o anno passado um precioso trabalho de investigação e critica philosophica sobre uma das instituições mais notaveis que avexaram os povos e mancham a historia. O volume publicado *Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, é uma d'aquellas obras que formam um nome, ou para melhor dizer, que não podem ser produzidas senão por historiadores da ordem d'aquelles, que Portugal, com justa vaidade, já póde collocar a par de Schlegel, Herder, Thierry ou Romey. O sr. Alexandre Herculano é um d'aquelles espiritos eminentes, iniciados na fórmula de doutrina e n'aquelle methodo de alem do Rheno que, para chegar aos resultados puramente philosophicos, taes como os presenca o nosso seculo, tem passado gradualmente pelas lentas estações de uma exegese successiva. Ninguem mais do que elle aprecia esse mixto indefinivel de racionalismo e de fé, de arrojo scientifico e de reserva reflexiva, que se tem por tanto tempo mantido em equilibrio nas profundas intelligencias dos philosophos allemães, e que entre nós é uma excepção, e cujo exemplo unico que conhecemos está representado no homem, que tem, desde as epochas mais obscuras e rebeldes á analyse, reconstruindo a nossa historia.

Rico de conhecimentos sobre os tempos decorridos, animado por aquelle ardor de erudição que dá valor a tudo, que não despreza um accidente, que não passa indifferente por uma feição caracteristica, o seu livro *Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal* é um dos resultados das suas porfiadas escavações, feitas n'uma longa peregrinação através dos seculos XVI e XVII. Foi um trabalho nascido de outros mais vastos e completos ou, para melhor dizer, foi um novo edificio erguido com os materiaes predispostos e talhados para a nossa historia geral.

Um livro d'estes não se analisa n'uma revista ligeira, que, na sua carreira precipitada e veloz, apenas tem tempo para se curvar, aqui e alli, ante os grandes monumentos erguidos pelo talento e venerados pela estima publica: o que ha a fazer é citá-los. É o que fazemos.

Mas passemos agora a outra obra, a uma d'estas obras cuja publicação caminha lentamente, mas caminha, e que tem como suspensa a anciedade dos amadores das letras em longos periodos.

São os grandes themas que elevam á sua verdadeira altura os espiritos fadados a irradiarem da luz da observação e da crítica os pontos mais difficeis da historia. Não ha muito tempo que Rémusat, o historiador das mais bellas figuras do seculo XVI, publicava um excellente trabalho sobre Santo Anselmo de Cantorbery; e quasi apar Villemain, n'aquelle grande estylo em que se eleva a toda a altura da philologia didactica, escrevia o elogio de Santo Ambrosio. N'esse mesmo anno, e quasi pelos mesmos mezes, começava o sr. Rebello da Silva os seus *Fastos da Igreja*.

Esta coincidência, n'uma epocha em que os espiritos parece descerem tanto ao positivo da vida, e que a propria litteratura, em todas as manifestações, se consagra aos assumptos mais repugnantemente humanos da sociedade existente, é de festejar para aquelles que ainda se comprazem de ver os grandes engenhos duplicadamente empenhados na carreira das letras e da religião.

E nenhuma obra allia melhor estas duas grandes qualidades que os *Fastos da Igreja*. Narrativa, mas n'aquelle estylo levantado pelas altas considerações philosophicas que tantas vezes approximam o auctor de muitos dos melhores periodos do *Genio do Christianismo*, acham-se ali quadros que respiram toda a sublimidade caracteristica dos grandes vultos da igreja grega e latina, traçados pela penna de Villemain, e toda a unção e erudição religiosa do abbade Guené.

Todavia quizeramos que o plano d'esta publicação fosse mais amplo, e que a concepção abrangesse o christianismo em todo o seu influxo moral e civilizador da historia. Christo, não como o primeiro dos santos, mas como o primeiro dos philosophos moralistas; os apóstolos e os evangelistas considerados como os primeiros obreiros d'esse immenso e magnifico edificio sob que se abriga hoje quasi o mundo culto, chamado catholicismo; as epochas mais florescentes da igreja primitiva, representadas nos seculos III, IV, e XVII pelos seus luminares mais esplendidos de eloquencia e saber, como S. Agostinho e S. Hylario, S. João Chrysostomo e Santo Athanasio, Bossuet e Fenelon, tudo isto fóra um quadro grandioso, em que o christianismo figura como a base da civilização moderna, e o seu influxo moral mais fecundo e directo. Éra debaixo d'estes horisontes sem limites para os vãos de uma penna que tanto se eleva, que desejaríamos ver assentado este novo monumento litterario do fecundo escriptor. Mas é preciso caminhar, porque o talento sempre vivaz e fertil do sr. Rebello da Silva é daquelles que nunca emprega todas as suas faculdades n'um assumpto unico, por mais elevado; e a critica, mesmo ligeira e quasi que simplesmente expositora de uma revista, mal o póde acompanhar na multiplicidade de suas produções. Este bello engenho, tão facil em produzir-se em todas as formas da arte, e n'um estylo que é ainda mais um reflexo da força imaginativa do que o resultado dos seus grandes dotes litterarios, que percorre todas as gradações, sempre fluente e ornado, profunda e triumpho de to-

dos os ramos litterarios com igual exito e facilidade. Ao romance historico temos mais dous livros a acrescentar: no *Panorama a Pena de Talião* e na *Patria a Tomada de Ceuta*. Estes romances—como todos do auctor excepto a *Mocidade de D. João V*, de um genero distincto—filiam-se na escola implantada pelo sr. Alexandre Herculano, e cujo chefe é Walter Scott, e são um bello trabalho de erudição, onde o leitor encontra o retrato de varias epochas das personagens mais gigantescas da nossa historia, reproduzidas com a verdade daguerreotypica.

O theatro, n'um dos seus maiores vultos, despertou tambem ao sr. Rebello da Silva uma das mais primorosas versões que póde figurar na nossa scena. O *Othello* de Shakaspiere achou todo o vigor daquella paixão intensa, cega, selvatica, na energia e colorido esplendido do estylo do nosso escriptor. É mais que uma imitação, é um trabalho no genero dos de Ducis e le Brun, em que nenhuma das bellezas dramaticas do poeta inglez perdem da sua vehemencia e contraste, approximadas das conveniencias da scena moderna.

Os sanguentos espectaculos das nações em conflicto tambem acharam entre nós um historiador, consciencioso na apreciação dos factos, e vehemente e ornado no estylo. *A Historia da Guerra do Oriente* pelo sr. Mendes Leal abre-lhe mais um titulo á consideração da critica. É um novo genero litterario que encetou com applauso. Sobre essa nova Iliada cujo theatro se estende do Mar Negro ao Baltico, a França tem escripto com que faltar a sciencia de mil bibliomaniacos. Só as correspondencias diplomaticas insertas no *Invalido Russo* e no *Times* dão que ler por um anno a setenta politicos de café. Mas a mesma multiplicidade traz o labyrintho. Aqui o *quod abundat, nocet*. O leitor curioso que queira tomar o fio d'essa serie de peripecias, que arrastam as nações para destinos por ora desconhecidos, tem mais difficuldade, no seio d'essas rufas de publicações que os prelos francezes atiram todos os dias a lume, em escolher do que de encontrar o livro cabal e oportuno, que o ponha ao corrente de todos os mysterios, acontecimentos e catastrophes d'essa guerra fatal.

Mas no meio de toda essa abundancia de trabalho, de investigação, de compulsão de documentos diplomaticos e historicos, de criterio e arrojo de vistas politicas, a obra do sr. Mendes Leal tem o seu merito, e verdadeiro. É como o substracto de tudo isto, mas exposto com lucidez, deduzido com fidelidade chronologica, enriquecido com perspicacia de observação e criterio, e narrado n'um estylo, que sem perder nada da gravidade historica, se ergue por vezes á altura de apreciaveis considerações philosophicas. Esta obra começou o anno passado e já vai no 3.º volume.

Porem um dos mais esplendidos acontecimentos litterarios do anno, e que ainda pertence ao sr. Mendes Leal, é por certo a sua comedia em verso, a *Herança do Chancelier*. O auctor póde-se com justiça jactar de ter resuscitado uma forma da arte, esquecida nos monumentos de Gil Vicente e Calderon, applicando-a ao genero que melhor se lhe combina na scena. Os espiritos levianos viram n'isto uma antigualha, um archaismo para os progressos da arte; nós vimos uma propriedade e um esmero litterario. É aquelle o verdadeiro molde peninsular da comedia. Não se atterrem os perdidos de amores pelo repertorio francez; que aquella fórmula póde ser alargada, ampliada e prestar-se a todas as exigencias e sublimidades da comedia moderna. E depois, como a redondilha, o mais popular de todos os nossos metros, aquelle em que mais naturalmente se vazam os conceitos do nosso idioma e mais se coaduna com a sua indole e phraseologia, como se presta ao estylo satyrico e descuidoso, familiar e dialogado da comedia! Quem o duvida que leia a *Herança do Chancelier*, e conhecerá como o lyrismo, afinado pelas sensações populares, se sabe erguer a toda a altura na phantasia do poeta, e inspirar-lhe bellos trechos de enthusiasmo patriotico ou de melancolia e amor.

No anno decorrido publicou o sr. Mendes Leal o seu *Homem de Ouro*. É um dos membros d'essa trilogia, encetada com os *Homens de marmore*, e que mais tarde se completará com os *Homens de Bem*. Os poetas costumam não ter palavra em assumptos destes. Deus queira que o sr. Mendes Leal rehabilite a familia, completando a sua obra.

Não fecharemos o capitulo consagrado ao illustre escriptor sem catalogarmos mais um dos seus sublimes vãos poeticos. A poesia consagrada a memorar a morte do visconde de Almeida Garret, no theatro de D. Maria II, se não viu a luz da estampa, teve contudo a publicidade da scena. É um trecho repassado de saudade e nobreza, em que a alma do poeta sobe a toda a altura do grande vulto, que já projecta na posteridade o cantor de Camões.

Da historia á politica a transição é facil. A historia resume os diversos periodos que abrange a existencia dos povos, e estes, subordinados ao regimen dos governos constituídos, definem a politica das nações. Não são estas porém, as ideas do sr. D. José de Lacerda, na sua obra *Da forma dos governos com respeito á prosperidade dos povos*. A natureza dos governos, para o illustre deão da sé patriarchal, é um facto indifferente á ventura ou infelicidade de qualquer paiz, como se a organização d'uma sociedade, ainda a mais alheia ás verdadeiras instituições de uma politica apreciavel, possa dar-se sem o principio de governo, é este, seja qualquer que fór a sua forma, despótica ou democratica, monarchica ou republicana,

se não reflecta em todos os seus effectos no viver intimo e exterior de um povo. Mas o sr. D. José de Lacerda percorre a historia antiga e moderna, e apontando-nos para as grandes convulsões dos imperios, para as suas epochas mais florescentes ou de angustiosa oppressão, affirmamos que essas se deram tanto na Athenas de Milciades, Themistocles e Aristides, como na Athenas dos trinta tyrannos; tanto na Roma dos Grachos, como na Roma dos Cesares; tanto na Europa dos reis, como na Europa republicana. Mas a apreciação é errada. O illustre publicista louva a organização dos governos pelos defeitos dos homens, e attribue á natureza politica o que pertence exclusivamente á natureza humana. Condemna os systemas na, fórma abstracta, nos actos daquelles, que, tornando-se seus interpretes e instrumentos, os protrahem e pervertem. É a inversão dos termos fundamentaes do problema que leva o sr. D. José de Lacerda a conclusões, que os mesmos factos que aponta, combatem. Sem irmos mais longe comparemos a Russia com a Belgica, e veremos quão diversa é a sorte dos dous povos. Mas é porque ahí os systemas, representativo e autocratico, reflectem-se puros em todas as condições da sua existencia social. É aqui que se póde apreciar a organização politica, pura nos seus effectos, os quaes o auctor *Da forma dos governos* toma indifferente e prosmicamente para as suas conclusões, quer derivem da natureza dos systemas politicos, quer da cubica ou tyrannia dos governantes.

E comtudo este erro não parte do entendimento, parte da desesperança. Esses conflictos estereis de uma politica pygmea e sempre individual, com que a larga area dos interesses publicos tem sido invadida pelas ambições, mataram toda a crença na alma do antigo jornalista e deputado. O seu livro é o manifesto do verdadeiro sceptico politico. Como homem de Deus não quer dizer que desespera dos homens; mas como homem de partido, declara que desespera dos systemas.

Pois nós confiamos nos systemas; porque os homens são as paixões, e as paixões passam e os systemas ficam.

É aqui o lugar de mencionarmos os *Estudos biographicos* do sr. Cannas, do homem profundamente erudito, que está á testa do nosso principal estabelecimento litterario. O livro do sr. Cannas é uma extensa galeria onde a religião, a historia, a politica, e o talento, collocam muitos dos personagens, nossos e estranhos, que melhor as representam. São como os elementos dispersos de muitas phases da civilização, da historia ecclesiastica e politica que o illustre bibliographo collige, dando-nos assim a idéa de varias epochas notaveis nos homens que as symbolizam. Mas na importancia philosophico-politica, a obra do sr. Cannas é um anachronismo na ordem das idéas: o auctor proclama o direito divino dos reis. Embebido nas doutrinas de Bonald, de Genoude, de Chateaubriand, identifica-se á legitimidade do principio hereditario como a um dogma da sua consciencia. Admittendo a monarchia como derivação do poder paternal, considera os estados como simples familias. Engana-se. Os estados, como diz Lamartine, são povos, e esses povos uma vez terminada a sua infancia, não são condemnados senão á tutela da moral e da razão. A familia é a humanidade; o pai não é o rei, é Deus.

Ainda a biographia, mas afastada dessas luctas tempestuosas das convicções politicas, e unicamente colhendo, aqui e alli, elementos dispersos da vida dos nossos maiores homens de letras, apresenta um dos seus mais valiosos trabalhos no *Ensaio critico-biographico sobre os nossos melhores poetas*, por José Maria da Costa e Silva, obra metade publicada pelo auctor, e metade que vai correndo posthuma. Esta extensa publicação, que abrange os mais resplandecentes vultos da historia da nova litteratura, sem ter o merito dos *portraits* de Saint-Beuve, St. Marc-Girardin e Gustave Planche, é todavia como um grande repositório, onde o erudito encontra variadissimas noções que derramam immensa luz sobre as feições esquecidas ou ignoradas de muitas das nossas melhores phisionomias litterarias. Mas o criterio nem sempre acompanha o trabalho do auctor *de Passeio*, e a authenticidade por vezes deixa de legitimar muitos dos documentos apresentados como de origem incontestada.

Mas temos uma novidade na nossa litteratura. Com vergonha o dizemos: a critica, absolutamente fallando, e ainda mais a critica ligeira, episodica, chistosamente satyrica, aquella critica que é como o turista, mais apaixonado das grandes panoramas da natureza, do que de subir os Andes e os Alpes, de visitar as crateras do Etna e do Vesuvio e correr por entre as stalactites das cavernas mais fabuladas; essa critica que observa, e indica com mais amor do bello, do que auctoridade analytica, com mais entusiasmo de alma de poeta que olhos de censor, e sempre ligeira, sempre rindo, misturando a analyse com a anecdota, o epigramma com as flores do atticismo; essa critica acaba de colligir o melhor de suas divagações atravez dos immensos jardins da litteratura, e de nos apresentar tudo debaixo do titulo de *Memorias de litteratura contemporanea*. O livro do sr. Lopes de Mendonça é inquestionavelmente um bello ensaio neste genero. Espirito afinado pelo sentir francez, e essencialmente desenvolvido pela leitura aturada dos melhores criticos, romancistas e poetas que formam essa illustre familia com que a França tanto se honra, o folhetinista da *Revolução de Setembro*, nessas paginas em que nos traça muitos dos nossos mais distinctos perfis litterarios, respira toda a negligencia culta de Jules Janin,

Theophile Gauthier e Jules Leconte, aventurando por vezes, mas raras, a censura acerada de Gustave Planche. Naquelles desabafos (permitta-se-nos a expressão) de um espirito vertiginoso, que toca as raías mais sublimes da fantasia mas que nunca se moldam aos preceitos de uma critica regular, ha o que quer que é de enebriante que se transmite ao estylo, que nos embriaga a imaginação, desvaira os sentidos e nos faz correr, sem respirar, atraz desses atrevidos e paradoxaes raptos do brilhante escriptor, como correriamos se nos vissemos nessas campinas suavemente esplendidas de Watteau e Pussin, sempre atraídos pelos encantos de uma natureza desconhecida.

A critica tem uma certa afinidade com as viagens. O espirito analytico, como a alma do viajante, alimenta-se da curiosidade, e dirige-se pela reflexão. Passemos, pois, do ensaio critico do sr. Mendonça ás viagens do sr. Bordallo.

O sr. Bordallo, depois de ter dado um passeio de *sete mil leguas*, faz agora uma viagem á *roda de Lisboa*. É cortar muito os vãos de viajante. É como que se obrigassem Sindabah, o famoso viajante dos contos orientaes, a fazer uma viagem *autour de sa chambre*.

Perdoem-nos os admiradores de Lisboa. Ninguém mais do que nós ama e admira esta formosa rainha do Occidente, que tão enamorado traz a beijar-lhe as alvas vestes o melhor dos filhos do Oceano, o altivo e caudaloso Tejo. Mas de Lisboa á China, por esses immensos mares que o sr. Bordallo passou, ha sete mil leguas de paizes e nações diversas, de maravilhas da natureza e da arte, de costumes poeticos, de povos onde as raças encontram toda a idealidade artistica dos seus primitivos typos de belleza, onde a poesia acha os seus traços epicos, o passado tem os seus monumentos, e a humanidade as suas tradições. Deste quadro, onde simultaneamente se avistam os pagodes de Brama, as pyramides do Egypto, os mirantes da Alexandria, os panoramas do Bosphoro, e as tempestades do deserto, a desembarcar no *caés das columnas*, investir pela rua Aurea, entrar na Praça de D. Pedro, dar de chapa com o seu monumento, agachado, incompleto e tacanho como todo o pensamento politico que invade as regiões da arte, e depois deixar o theatro de D. Maria á esquerda para ir mais adiante dar tres ou quatro voltas no Passeio Publico; de uma coisa á outra se não ha effectivamente o passo de que falla Napoleão, alludindo aos dois polos do gosto e da arte, ha por certo uma grande distancia. E comtudo, as descrições do sr. Bordallo, girando por essa Lisboa, apontando-nos os seus monumentos architectonicos e muitas das suas bellezas naturaes, e explicando-nos sobretudo o seu genero de existencia social nos lineamentos mais geraes da sua phisionomia quotidiana, produz-nos o effecto de um cicerone illustrado e complacente, que se compraz em elucidar o caminhante acerca de tudo que lhe desperte a attenção, ou lhe mova a curiosidade.

Mas no meio de todas estas produções, torna-se notavel o desenvolvimento que vai apresentando o theatro. Effectivamente a litteratura dramatica, que estava como adormecida, ha dous annos para cá vai apresentando inquestionaveis symptomas de vida propria e abundante seiva. No theatro de D. Maria II temos o drama do sr. Biester, *Um quadro da vida*, scena intima em que o coração é vencido pelos preconceitos da sociedade. A *Dallila*, do sr. Antonio de Serpa, mais um dos novos mimosos poetas, arrancado pela politica ao culto das musas, é um drama, todo paixão e sentimento, grupado em bellas situações, fluente e espirituosissimo no dialogo, que o nosso escriptor extrahiu de um romance de Octave Feuillet, publicado na *Revue des Deux Mondes*.

O Gymnasio passou das suas *pochades* mascaradas á portugueza, e dos seus espectaculos de transformações e pompas scenicas, á comedia de alta sociedade e ao drama intimo; e deu-se bem. Pelo menos assim lh'o asseveraram os resultados. A plateia, apinhada de um concurso escolhido, applaude com vehemencia o *Cynismo* e os *Dous Mundos*, produções ambas do sr. Lacerda. E tem razão; porque qualquer d'estas produções tem merito absoluto e relativo. Marcam os progressos do auctor, comparando-os com os seus primeiros trabalhos; e representam com arte algumas phases da vida n'essas regiões onde ella é tempestuosa de ambições e affectos, de paixão e vicios. A peça *Dous Mundos*, menos ambiciosa no plano e pensamento philosophico, é um bello quadro, onde o espectador vê alguns periodos dispersos, colligidos e atados pelo auctor n'um enredo facil e cheio de lances vivamente dramaticos, d'essa existencia de luctas angustiosas, que, mais que nenhuma, nos apresenta a sociedade moderna.

No theatro de D. Fernando, o sr. Braz Martins, engenho dramatico já festejado das nossas plateias mais populares, apresentou uma engraçada comedia, a *Abençoada diabrura*. A simplicidade da acção e a sympathia que inspira o protagonista, e isto disposto em algumas situações bem combinadas, e traduzido n'um dialogo fluente e natural, tem feito que o publico de D. Fernando receba com applauso esta produção. O *Mouro encantado*, mentira em 2 actos, e a *Queda de Neptuno*, foram dous d'estes improvisos despertados por factos que muitas vezes se tornam um sentimento commm. Não tem merecimento litterario; mas attestam a facundia da veia comica do actor, facil em se inspirar das circumstancias externas, e de ahí encontrar os germens de suas composições.

O romance, mas o romance convertido no genio máu,

da analyse, como o escrevem Balzac; que sonda os mais escuros segredos do coração e imagina todas as turpitudes que o cynismo de uma sociedade gasta, saciada por todas as exuberancias de uma civilização epicurista, tem ido esquadriñar ao intimo da vida, como o reproduziu o auctor das *Memorias do Diabo*; positivo e philosopho, espelho de todas essas depravações que levam a sociedade á condemnação de muitas das suas classes, como o concebeu Eugenio Sue; o romance assim inspirado tem um digno representante entre nós, no sr. Camillo Castello Branco. E effectivamente, naquelle estylo, rapido e incisivo, que ri de uma ironia satanica, que rasga como escarpello, deixando rastros de sangue nas paginas, ainda n'aquellas mais inspiradas por todo o fervor de uma alma verdadeiramente poetica, predomina como a inspiração do auctor dos *Dous Cadaveres*, a que dá todo o relevo de phrase, a que sugere aquella expressão de sarcasmo talvez o estudo aturado do primeiro romancista phantastico do seculo presente, de Victor Hugo. Os *Mysterios de Lisboa*, e o seu complemento ou a chave de todos os seus arcanos, *O livro negro do padre Diniz*, bem como a *Filha do Arcebispo*, e a obra que lhe serve de continuação, tudo publicado no anno decorrido, são o reflexo puro da influencia despotica, que hoje a sociedade exerce sobre uma das melhores formas da litteratura. Este facto, fructo de uma epocha de transição e lucta, em que os conflictos sociaes, controvértidos pelas ambições das classes deslocadas pelas alternativas da forma politica, fere e exacerba todas as cordas do coração e povoa as imaginações das imagens pavorosas do presente, é como o retrato vivo dos tempos que passam, sobre os quaes o genio fulmina as suas maiores condemnações e lavra os seus mais eloquentes protestos, visto que não póde detel-os na sua carreira desenfreada, ou subjeital-os ás condições normaes. O romance, levado a umas taes proporções, não é a sequencia da aberração imaginativa de um homem, é a phase, é a expressão do movimento reaccionario de uma sociedade, que, mesmo porque é violento e anormal, tenta a imaginação do escriptor, e faz-se reproduzir nas melhores paginas dos seus escriptos. Condemnar, pois, no romancista o que mais está no espirito da epocha do que na indole da sua alma, parece-nos erro em que se não deve reincidir. Emendem a sociedade se podem, que ella é a causa d'estes phenomenos que se operam no mundo das idéas; mas se não podem, deixem que as phantasias se impressionem e vivam do mundo real como do seu alimento mais natural.

O sr. Camillo Castello Branco tambem tem enriquecido o theatro portuguez com produções, cujo acolhimento as tem consagrado no conceito publico. O drama *Poesia e dinheiro* teve um successo no Porto, como a *Dame aux Camelias* em Paris, e os *Homens de Marmore* em Lisboa.

O Porto tambem nos apresenta mais outros dous romancistas de engenho, que nos fornecem elementos a esta revista. O *Genio do Mal*, pelo sr. Arnaldo da Gama, e *Viver para soffrer*, do sr. Barbosa e Silva, são dois ensaios que devem animar os auctores a novas tentativas. O sr. Novaes, o Tolentino portuense, tambem largou a satyra popular do folhetim, para se mostrar em toda a abundancia da sua veia comica e epigrammatica sobre a scena. O *Qui pro quo* é uma chistosa farça, festejada com toda a alacridade do espirito portuense, mas onde não dejaramos ver satisfeitas *com mão tão larga* as exigencias do gosto popular. O sr. Novaes tem no seu talento recursos bastantes, dos quaes póde dispôr com opulencia, sem armar á ignorancia das turbas para obter os seus melhores applausos. O sr. Licinio tambem deu á estampa o segundo volume do seu theatro, contendo o drama *O Rajah de Bonsoúló*. Este livro recommenda-se principalmente pela dissertação que traz, sobre a origem da arte dramatica. É um bello estudo onde o erudito póde enriquecer o seu espirito.

A *Revista Peninsular*, como publicação consagrada a fraternisar a litteratura dos dous povos da peninsula ibérica, e a atar mais estreitamente os laços que os prendem pela historia, pela poesia das tradições e pela poesia das aspirações moraes e sociaes, é ainda uma bella empreza que o anno de 1855 se deve vangloriar de fazer surgir, como um padrão da alliança intellectual de duas nações, a que a natureza mandou abraçar como irmãs.

Tal é, pouco mais ou menos, a lista escolhida das obras litterarias que viu nascer o anno findo. Se não é gloriosa, se não marca um d'esses periodos que irradia sobre a historia das letras o esplendor que se estende a muitos seculos de distancia, é todavia notavel de esforços, tentativas e resultados, emprehendidos pelo talento e coroados pela illustração publica.

Mas custa-nos a depôr a penna sem termos de mencionar, se quer, uma obra poetica. A musa da poesia, espavorida dos estragos da guerra, velou a fronte e nega os accents da lyra aos estros mais visitados dos favores da inspiração!... Em Portugal, como em França, como em Italia, como em Hespanha, o alaude dos seus bardos, se accorda, é para dêsferir os raios de algumas d'essas Nemesis, que mais aproximam as filhas do Parnaso dos furores eumenicos, do que d'essas estrophes dictadas nos dias felizes da arte. Lamartine escreve a *Historia da Restauração*, e a *Historia da Tarquia*; Victor Hugo, o grande poeta, tornou-se phamphletario; Alfredo de Musset exproba a sociedade no theatro. Em Hespanha o auctor da *Moro exposito*, Martinez de la Rosa, Quintana e outros, envolvidos pelo turbilhão de uma politica fraccionada,

ou emudeceram ou soltam a voz apenas no parlamento; e tanto fogo e opulencia de imaginação só esplendem nas invectivas de alguma apostrophe tribunicia, ou nas verrinas com que o jornalismo protesta contra a oppressão ignobil a que o condemnam. Em Portugal o mesmo silencio da lyra, a mesma protração dos melhores engenhos. Mendes Leal, fadado pela natureza para pulsar todas as cordas do lyrismo, descreve hoje os horrores de uma lucta, ante a qual a civilização recua e prantea a morte dos seus melhores filhos!... João de Lemos, o bardo inspirado que sobre as veigas do Mondego soltou sons, onde tão indefinivelmente se combina o accento nacional com toda a elevação e melancolia da poesia do Norte, espediça toda a seve de um estro fecundo e original na escripta quotidiana de um jornal politico!... Antonio de Serpa, Bulhão Pato, Lobato Pires, Palmeirim e outros filhos tão queridos da musa popular, deixam-se igualmente impellir por essa onda, que não deixa voar os espiritos ainda que os impulsos da alma os atire para as regiões infinitas do pensamento. Até o cantor dos infortunios do Bardo, esse que pela indole e predileção de seus estudos, ata a cadeia dos nossos melhores engenhos poeticos entre Phylinto e Almeida-Garret, até esse, entregue ao sacerdocio do ensino, solta a furto, e apenas ouvido de amigos, algum d'esses vãos que tão alto o elevam!...

ANDRADE FERREIRA.

PEDRA RUNICA ACHADA HA POUCA NA ILHA DE MAN.

O alfabeto runico só tem 17 caracteres, formados por umas riscas horisontaes e verticaes; e só algumas tem parencas com as letras dos romanos. Serviam-se d'elles na antiguidade os povos escandinavos, isto é, a Dinamarca, a Suecia, a Noruega, a Alemanha septentrional; quem alguns auctores que fossem anteriores á nossa era, e outros que sómente datem do 9.º seculo depois da vinda de Christo.

Encontram-se, principalmente na Suecia, provincia de Upland e ilha de Gothland, e tambem na America do Norte, pedras runicas, cobertas d'aquelles caracteres. Conjectura-se que derivam do phenicio, e que foram trazidos pelos navegantes da Phenicia, que teriam penetrado no Baltico, e n'esse caso forçoso é attribuir-lhe uma data mui antiga. Os sacerdotes escandinavos fizeram mysterio, a elles reservado, do conhecimento de taes caracteres; e depois foram estes empregados nas fallazes operações de magica e feiticaria.



Pedra Runica achada ha pouca na ilha de Man.

A pedra runica aqui estampada é monumento de tempos do christianismo; fazia parte de uma cruz, que por estar mutilada em toda a parte superior, difficulta interpretar-se a inscripção; achou-se em novembro ultimo incrustada no campanario da bonita igreja de Braddan, na

ilha de Man, a qual demora no mar da Irlanda a duas leguas maritimas ao nascente das costas d'esta ilha e 15 ao sul das de Escocia, e outras tantas a oeste de Inglaterra.

SEBASTOPOL VISTA DAS MURALHAS DO HOSPITAL.

Esta vista foi esboçada por Mr. Crowe, correspondente da *Illustração* ingleza na Crimea, logo depois de rendida a praça. Os edificios já são conhecidos por estampas que andam mui vulgarizadas. O templo que se divisa na extrema esquerda é aquelle a que se refere uma carta de Constantinopola, datada de 30 de outubro e inserta no *Constitutionnel*, mencionando que uma bomba disparada dos fortes russos do lado do norte fez pegar fogo—e no pequeno e lindo edificio que corôa a emmieuencia superior ao posto militar: diz-se que o marechal Pelissier estava no sitio quando occorreu este incidente. Denominavam-no «templo de Theseu»; era de fórma rectangular, e cercado de columnatas de ordem jonica, assentado no meio de um delicioso jardim; na parte interior nada tinha de interessante.

PRINCIPAL RUA DE CALCUTTÁ.

Esta grande cidade é capital de toda a India ingleza, e particularmente da presidencia de Calcuttá, uma das tres maximas divisões da mesma India britannica, e que se divide em 5½ districtos. É situada n'um braço do Ganges a pouca distancia da sua foz; commercio immenso, industria activa, e colossaes riquezas. Podia chamar-se uma aldeia em 1717; d'esde 1757, pertence aos inglezes que já ali tinham uma feitoria d'esde 1690.

Para não irmos mendigar a estranhos o que temos, e muito bom, de casa, transcreveremos o que diz o sr. José Ignacio de Andrade nas suas *cartas escriptas da India e China*. (Vol. 1.º carta 5.ª) (1).

«... entrei no Hoogly (2) tão cansado da viagem, que só depois de afferrar á Ponta de Diamante comecei a gozar dos primores que embellezam suas tortuosas margens. Que variadas e ricas paizagens! Planicies cobertas de gordas manadas, rebanhos inumeraveis, e arvoredos frondiferos! A engenhosa e liberal natureza mostra-se n'estes logares revestida com tal pompa que excede tudo

(1) Esta excellente obra, de leitura tão amena quanto instructiva, já teve duas edições de luxo na imprensa nacional.

(2) Braço do Ganges, onde se acha edificada a cidade de Calcuttá



Sebastopol vista das muralhas do Hospital.

quanto a phantasia possa inventar e o engenho humano descrever.

«Entrando-se nos suburbios de Calcuttá (1), prados amenos e casas sumptuosas annunciam a capital da India ou o centro do poder inglez na Asia. A riqueza dos edificios, o luxo que transformou as margens d'este rio em jardins deliciosos, mostram o grande fausto dos modernos conquistadores do malfadado Indostão.

«Depois que Vasco da Gama chegou a este imperio, formaram os portuguezes estabelecimentos em todos os lugares, que lhes offereciam interesses pelo commercio. Entrando no Hoogly, estabeleceram-se em Bandel, que abandonaram no tempo dos Philippes. Ainda ali se descobrem vestigios da nossa antiga opulencia.

«O avultado commercio, que faziam nossos maiores n'esta parte do mundo, convidou outros povos da Europa a buscar este rio, onde a nosso exemplo fundaram estabelecimentos: os batavos, Chinsurá; os francezes, Chandrenagor; os dinamarquezes, Sirampour; os inglezes, Calcuttá. D'aqui principiaram estes a estender-se no Indostão, com o pretexto de baterem os maratas, inimigos dos mogoles. Assim levaram, com enganos, o seu commercio em pouco tempo, ás provincias de Cassimbasar, Dacá, Patná e Balassor.

«A fundação de Calcuttá teve principio no meado do seculo XVI, na pequena villa de Govindpour, sitio pantanoso e insalubre.—O aspecto d'esta cidade encanta, não só pela grandeza dos edificios, mas tambem pelas im-

(1) Os suburbios das margens d'este rio; os do interior são pestilentos

mensas columnatas, porticos e zimbórios, com que se adorna; porém, sabendo se que toda a obra é composta de tijolos e estuque, perde o valor que de longe tinha inculcado.

«Haverá tres leguas de circumferencia, e seis centos mil habitantes, indios e arabes na maior parte. A mistura de povos differentes tende a destruir as preocupações de uns e outros; aqui succede o contrario; os arabes aborrecem os mogoles; os inglezes desconfiam d'estes e d'aquelles; e os indios detestam os arabes, mogoles, e britannicos...

«...De todos os edificios o palacio do governo é o mais sumptuoso. Tem forma octogona, boas escadas, rico perystilo, e magnificas galerias. No interior ostenta ainda maior pompa; É situado na face meridional da cidade, na fimbria da grande esplanada.

«A cidadella, forte William, offerece nas obras exteriores painel curioso. A muralha occidental é banhada pelo Hoogly; vista de qualquer lado parece mais uma cidade do que uma fortaleza; tantos são os edificios erguidos no interior! Tem perto de uma milha de circumferencia em forma de polygo regular. Recebe em seus bastiões mais de trezentas bombardas. Pode recolher, em occasião de guerra, as familias inglezas residentes na cidade, guarnição de dez mil homens, e mantimento para um anno.

«A cidade tem bons estabelecimentos publicos; 1.º uma especie de universidade, onde os alumnos de outras escholas vem completar os seus estudos; 2.º um collegio sanscrito; 3.º um collegio manometano; 4.º um gymnasi-

co etc. O bispo, cuja auctoridade abrange a todas as igrejas anglicanas n'esta parte do mundo, reside em Calcuttá.

«No interior da cidade vê-se quadro mindifferente do que apparece nas margens do rio. Aqui estão erguidos palacios magnificos; ali ruinas e cabanas; de um lado, praças e bazares riquissimos; do outro, esgotos descobertos cheios de immundicies. Comtudo nada chega aos nojentos suburbicos, chamados cidade negra. Para formares idéa aproximada da verdade, imagina uma legua de terreno coberto de fabricas em ruina e de choças, onde moram immensas familias cobertas de trapos. Têm alguns pagodes, asylos da superstição, adornados de idolos de feia catadura; estão quasi sempre cheios de miseraveis creaturas. As ruas são tão immundas que não só difficul-tam o transitio, pelos montes de lama, mas tambem pela exhalção de vapores insupportaveis.

«Tratando de Calcuttá e dos inglezes, devo tambem fallar dos indigenas. Tem feições bem marcadas, estatura regular, corpo flexivel, cor azeitonada, cabellos pretos e corridos, olhos scintillantes, e alma capaz de gozar tanto as doçuras do amor como as ligações da amizade. As mulheres são esbeltas e bem proporcionadas; a expressão dos delectes respira em suas feições. Tem os olhos grandes e ornados de crescidas palpebras, signal de grande ternura; comtudo, falta-lhes o colorido que tanto em-belleza as mulheres da zona temperada. As que pertencem aos abastados vivem na tristeza de ferreos harens, além dos quaes não lhes é permitido lançara a vista; as castas inferiores são mais felizes; ao menos tem liberdade.



Principal rua de Calcutá.

CHRONICA SEMANAL.

O primeiro lugar na revista d'esta semana, compete ao celebre pianista Thalberg, que está entre nós, e já annunciou os seus concertos. É uma notabilidade artistica, um nome europeu e uma reputação colossal, que veio visitar-nos: prestêmos portanto as honras devidas ao seu talento e façamos-lhe o acolhimento que merece a fama que o precede. Tributemos-lhe a homenagem da cortezia, em quanto não chega o momento de lhe render a da admiração. Saudemos o compositor já nosso conhecido, depois, festejaremos o artista. Esperamos que o seu genio de executor, anime as suas proprias composições, como o estatuário da antiguidade animou do fogo do ceu a estatua que lhe sahiu das mãos. Vivam as suas paginas de baixo dos seus dedos magicos.

Henri Heine, fallando do distincto pianista, diz o seguinte: «Thalberg é um gentleman musical, que não precisava tocar piano, para ser acolhido com prazer em toda a parte, pois parece olhar para o seu talento, só como simples apanagio.» O homem que assim recommendou Thalberg, era entendido em superioridade, e a sua diffusão vale a mais poderosa introdução.

No theatro francez não houve novidade: repetiu-se

Par droit de Conquête, de E. Legouvé, dando-nos assim occasião de admirarmos a gentileza e talento de mademoiselle Roqueville, que dá um alto realce a esta comedia, pela naturalidade, fineza e distincção com que desempenha o seu papel, imprimindo-lhe um sentimento suave e verdadeiro, que atrai e commove, dulcificando.

Consta-nos que no seu beneficio irá á scena, *Les Souvenirs de Jeunesse*, peça cheia de movimento e de interesse, que desperta as lagrimas e provoca o riso, entrelaçando sempre a comedia no drama. O papel da interessante e sympathica *Noemie*, estamos persuadidos que ha de alcançar mais um triumpho e uma coroa a mademoiselle Roqueville. Aguardemos.

Representaram no theatro normal o *Occaso de uma estrellita*, que não desagradou, e está em ensaios uma imitação do sr. Latino Coelho, escriptor distincto e bem conhecido, que se estreia na scena, enriquecendo assim o repertorio do theatro de mais um nome litterario de reconhecido valor. Intitula-se a *Noiva do Coronel*.

A Revista continúa a attrahir a concorrência ao Gymnasio, e em S. Carlos applaude-se todas as noites com o mesmo enthusiasmo o talento artistico de Rambois e Cinatti.

O mundo litterario agita-se, revive e alarga o seu ho-

risonte. Renasce como a Phenix das proprias cinzas, ostentando o seu antigo brilho. Nas regiões folhetinisticas, reapareceram o romance e a critica, dando assim um impulso verdadeiro á litteratura amena, que estava abandonada e parecia esquecida. A Patria promete-nos uma serie de trabalhos d'este genero, encudados de nomes tão auctorizados, que ha tudo a esperar d'elles. O auctor da *Mocidade de D. João V* escreve uns *Contos ao serão*, narrados n'aquelle estylo elegante e vigoroso que deleita e instrue. Mendes Leal, o incançavel e fecundo escriptor, tambem nos promete *O Forte de S. Jorge*. É um dos mais brilhantes episodios da Historia do Brasil, no periodo da Invasão Hollandeza, no principio do seculo 17.º Revivem ali as figuras heroicas d'aquelles audazes soldados de Africa e das Indias que levaram o nome portuguez ás mais remotas regiões. Do valor intrinseco do escripto melhor se poderá avaliar na leitura. Este episodio é apenas fragmento de uma obra muito mais consideravel em que o auctor com profunda consciencia trabalha ha annos.

Sabemos que Mendes Leal, prepara ainda uma serie de typos e scenas militares, começando por uma noticia historica e pittoresca dos Zouavos, aos quaes aggregará em breve o *Caçador portuguez*, o *Guerrilheiro*, o *Vetera-*

no da guerra Peninsular, o Shaphi e outros, no genero variado da descripção pittoresca e anecdotica. Sob o titulo de *Canticos* vai ainda apparecer um forte volume das poesias selectas do mesmo auctor, coordenadas e revistas por elle mesmo, com particular desvello.

O nosso mimoso e sentido poeta Bulhão Pato depoz um momento a lyra, e em singelo estylo descreve-nos as formosuras do Bussaco, matizando aquellas paginas das flores viçosas do seu delicado pincel, taes como as colheu nas serranias do ermo.

A chronica theatral enriqueceu-se estes dias com um facto singular. Representava-se no theatro de D. Fernando a pequena comedia intitulada *Um Escandalo*, na qual figura uma actriz n'um camarote. Segundó as exigencias da peça a actriz interpella da sala um dos actores que executam o seu papel no palco. No meio da platéa ingenua d'estes theatros, levanta-se um espectador, mais ingenuo ainda e auxilia a interpeção prevista com uma interpeção propria que levanta a hilaridade publica ás proporções da gargalhada homérica. Por aqui se póde fazer idéa do effeito. Creou-se um novo genero de comedia: é a comedia em que o espectador toma parte involuntaria como o actor. O imprevisito da situação augmenta o sal dos lances e a curiosidade cresce em proporção da expectativa d'estes casos fortuitos. Scenas d'estas não é muito provavel terem repetição. Tiveram-o porém. Da segunda vez (por escandalo do escandalo foi renovado) a peripecia complicou-se de circumstancias novas. O candido ouvinte escandalizado, protestou em nome da moral, e o resto do publico applaudiu a virtuosa indignação com *crescendo* furioso de risadas.

Diz-se que em breve será tambem nossa hospeda, a famosa tragica *Ristori*, que em Paris, eclipsou a reputação da classica *Hermione*, da admiravel Rachel. *Ristori*, que inspirou Lamartine, um dos primeiros poetas do seculo, não se despreza de visitar Portugal, um dos paizes que menos quer saber o que vale! Eloquente lição que nos prostra aos pés, d'uma irrisão merecida. Os outros apreciam-nos: nós voltando o rosto com ignaro desdem ao que é nosso ajoelhamos só ao que vem de fóra, mostrando assim, que não temos alma para comprehender o que esses mesmos estimam. O tributo prestado pelas altas intelligencias que honram o mundo da arte, nem sequer nos ensina. Ficamos n'uma admiração estolidada por tudo que tem nome estrangeiro, e suffocamos com a nossa indiferença imbecil e criminosa, o que nasceu aqui, e o que esses proprios estrangeiros procuram, como um suffragio honroso. Nenhuma nação deu ainda mais triste prova do seu modo de julgar.

Que nos perdoem este momento de indignação justa. Bemvinda seja a *Ristori*, bemvindo seja Thalberg, bemvindos sejam quantos se esquecem menos do nome portuguez do que os proprios filhos de Portugal. Provemos-lhes n'um acolhimento merecido mas intelligente e raciocinado, que nem todos pertencem a essa raça degenerada.

ERNESTO BIESTER.

UMA VIAGEM PELA LITTERATURA CONTEMPORANEA.

(OFFERECIDA AO SR. A. HERCULANO)

L. A. REBELLO DA SILVA.

III

A reconstrução politica e social, começada em 79 com o movimento dos parlamentos em França, e iniciada dez annos depois com a revolução, que abalou a Europa nos seus fundamentos, agitando e renovando, da base ao cimo, os elementos sociaes, logo que os espiritos, terminada a grande epopéa do imperio e da conquista, se aquietaram, trouxe como consequencia novas aspirações litterarias, a despeito de todas as resistencias, as idéas novas infiltraram-se nos povos, e postas de parte as divergencias de nacionalidade, todos elles convergiram para o centro commun da vida intellectual. Abriram-se novos aspectos, crearam-se novas necessidades. A sociedade adiantando um passo achou-se em diverso campo. Olhou em torno de si e viu o passado em ruinas. Era preciso crear o futuro. Os obreiros da civilização metteram hombros á empreza cada qual por seu modo.

O romance que tigha nascido da véa ociosa dos escriptores affectados do seculo anterior, tomou uma attitudé mais determinada e assumiu nos trabalhos litterarios o lugar que até ali ainda lhe não tinha cabido. A historia assentou as primeiras bases da nova importancia d'esta fórma d'arte. Walter Scott abriu um seculo inteiro, rasgára um horizonte immenso, e plantára com mão firme e audaz o estandarte glorioso d'uma era, que fazia entrar pelos estudos fortes e serios nos dominios da litteratura ligeira abraçando-se com ella.

As chronicas ignoradas viviam nas paginas amenas, sem obscuridade, sem monotonia, activas e palpitantes. O romance fez-se uma lição para as multidões, lição que ao mesmo passo instrua e deleitava.

Este impulso geral chegou ás nossas letras e de 1839 a 1843 algumas obras notaveis revelaram a existencia d'uma aptidão nos nossos escriptores que até ali se havia negado. Os romances de cavallaria tinham já tido entre nós gloriosos representantes no lyrico Bernardim, em

Vasco da Lobeira, e Francisco de Moraes. Mas estes nomes estavam já apagados ou obsoletos e ficára só o preconceito avivado pela nossa paixão innata por tudo quanto é estranho.

Almeida Garrett, no seu poema-romance *D. Branca*, Alexandre Herculano, na *Abobeda e Mestre Gil*, Mendes Leal no *Infante Santo* e as *Memorias Insulanas*, A. O. Marreca, no *Conde D. Fernando*, de *Castella*, Rebello da Silva, no *Raúso por homisio*, inauguraram esta nova epocha e restauraram o credito das nossas letras mostrando que podiam subir a par das melhores.

A estes ensaios historicos, succederam-se alguns romances da actualidade, a *Flor do Mar* e a *Estatua de Nabucco*, de Mendes Leal, e as *Viagens na minha terra*, de visconde de Almeida Garrett, cahindo-se depois n'um lethargo, de que por largo periodo se não acordou.

A politica foi para a maioria o narcotico que os sepultou em tal somnolencia, contribuindo bastante para isso a guerra civil que se ateou por essa occasião, desperdando paixões e tendencias então na força do enthusiasmo.

Todos estes nomes verdadeiramente interessados na lucta por um ou outro lado, gastavam as forças vivas das suas intelligencias no duello porfiado que se pelejava, deixando cahir inertes no meio da inutil batalha as penhas fadadas a melhores destinos.

Um livro que nos ficou d'esta epocha, o *Eurico*, poema em prosa, pelo sr. Alexandre Herculano, é um monumento de gloria para a nossa litteratura, e assignala uma das mais elevadas e energicas concepções d'este seculo, tanto pelo vigor da linguagem, como pelo grandioso da imagem, que parece esculpida em bronze.

O *Joelwyn*, de Lamartine, poema versificado, diverso na indole e todavia analogo na idéa capital, mais lyrico e menos valente, é a obra estranha que poderá competir com o *Presbytero*. — sem ficar vencida.

As tendencias e a vocação de Rebello da Silva para este genero de litteratura, são bem pronunciadas, e poderosamente auxiliadas pela véa pittoresca, e que ostenta na descripção, retractando os homens e as coisas, e desenhando os acontecimentos e os paisagens, sempre tocadas de verdade e de esplendidas côres. Sabe dar vida, expressão e movimento aos personagens; relevo e similhaça aos objectos. Desenha com igual vigor e correção a humanidade e a natureza, assemelhando uma, e realçando a outra nas suas multiplices e variadas alternativas. Pinta como o Ticiano, a figura e a paisagem como Salvator Roza.

O vicio e a hypocrisia, a honra e a virtude, a fealdade e o ridiculo, a formosura e a vaidade, para tudo acha tintas na sua palheta, e harmonisa-as com acerto; o céu limpido e estrellado, o horizonte toldado de nuvens e annunciando a procella, o verde das arvores, o alcantilado das serras, o fuzilar do raio, illuminando a terra e scintillando no rollo alvejante das vagas, tudo o seu pincel reproduz e anima de vivificantes traços.

Junta quasi sempre a philosophia á estampa, dissecando n'uma analyse severa e profunda, as differentes paixões e os intimos sentimentos do coração humano. N'estas occasiões manifestam-se distinctamente as suas altas faculdades, e a riqueza da sua imaginação, que se dilata, florejando em idéas elevadas ou viçosas, enriquecidas de preciosos recamos ou gravadas com o cinzel dos mestres. Admira-se nos seus escriptos uma força de synthese que é um dos seus distinctivos singulares.

A *Ultima corrida de touros em Salvaterra*, justifica a nossos olhos esta opinião, e é de certo uma das melhores paginas que se tem escripto em portuguez, e que mais revela as bellezas e a opulencia da nossa lingua tão suave e energica para quem a conhece a fundo, e senhor d'ella a pode dobrar com gosto para exprimir todas as cambiantes do pensamento.

Garrett matizou-as das flores singelas, que tam graciosas se entrançam nas grinaldas naturaes, deu-lhe essa voluptuosidade tepida e como indolente, que atráe sem exaltação, e aquece sem incendiar. Não a carregou de toques exaggerados, apurou-lhe a cor nativa, que brilha pela propria lhaneza. Lendo-o o effeito que produz é o de uma suave melodia de Bellini, que espaireece a alma com simplicidade melancholica, segredo da gloria d'ambos. Tinha uma individualidade que não se imita.

A. Herculano imprimiu á phrase nova magestade e vigor. O seu estylo é rijo e pulido como aço, luzente e penetrante como elle. Nunca falla ao coração que não excite o enthusiasmo; commove-nos, por que se exalta na crença, e sabe communicá-la.

O transporte que provoca, assemelha-se á sensação energica, que despertam as combinações sublimes de *Meyerbeer*, alliando a grandeza á profundidade.

Segundo o exemplo dos dois mestres, Rebello da Silva, tem-se apurado no estudo consciencioso da lingua, buscando dar-lhe elegancia sem a affectar, e conservando-lhe o cunho natural, fuge da mescla de falsas gallas que a deformam com o sabor extranho, porque nunca perdem o caracter de emprestadas.

N'um folhetim da *Patrie*, foi ultimamente publicada uma traducção da *Ultima corrida de touros em Salvaterra*. A consideração, que mereceu ao jornal francez aquelle escripto, honrando o seu auctor, honra igualmente as nossas letras. É um signal de apreço deveras lisongeiro. É realmente este trecho historico foi contado n'um momento de verdadeira inspiração; vê-se que se moldou d'um jacto, porque não esmorece nunca: longe de descahir le-

vanta-se de mais em mais inflammando o enthusiasmo. Quando chega á narraçáo do combate, descrevendo a investida magestosa e ferveril da fera, é palpitante de interesse e sublime de verdade; assusta quasi o leitor e acaba arrebatando-o: excita a anciedade e infunde o terror. Contempla-se o quadro: está vivo!

Rebello da Silva estabelece logo no principio da obra estes dois axiomas: «a primeira necessidade d'uma litteratura é ser do seu paiz e fallar a sua lingua. Sem isso só se repete mal o que por outro foi admiravelmente dito.»

Possuido d'esta idéa produziu aquellas paginas, em que soube justificar o que asseverou revelando-nos um feito heroico portuguez, e gravando-o em traços immortaes.

Antes de nos dar esta obra prima, Rebello da Silva tinha feito duas tentativas de romance, o *Raúso por homisio*, e *Odio velho não cança*. A ultima distancia-se já bastante da primeira, denotando sensiveis progressos, e maior cultura.

No *Raúso por homisio* ha o reflexo necessario e natural da escola ultra-romantica, então em plena voga. Presente-se e adivinha-se, lendo-o, o escriptor adolescente, que, perfumado d'algumas noções historicas que folheou e decorou, arde em desejos de as apresentar, abusando por vezes do archaismo, e levando o rigor phraseologico da época á exageração. Foi um ensaio balbuciante, como são sempre os primeiros, mas que já annunciava n'alguns rasgos e toques arrojados o talento poderoso, que alvorecia, para se levantar mais tarde á altura que poucos alcançam.

No *Odio velho não cança*, estes defeitos, embora modificados, ainda apparecem. O periodo é empolado, a phrase guindada; vê-se que o auctor deixou correr a pena atraz da phantasia, sem a domar, nem a sujeitar aos preceitos e ás regras.

O estudo archeologico que tinha feito ostenta-se demasiadamente. A imaginação florecente e abundante, despe do voo sem medir o espaço, envolve-se no dominio de idealidade, e perde-se n'aquellas regiões. Soltou-se demais do grilhão classico, para percorrer livremente o circulo exaggerado da nova escola, personalisada e levada ao excesso por Victor Hugo, que muita vez ascende a tal altura e sublima por tal modo os seus devaneios poeticos que não podem os olhos segui-lo, nem a idéa alcançá-lo.

A par das incorrecções o *Odio velho não cança* tem bellezas, que compensam os esquecimentos e separa-se do balbuciar incerto da primeira estréa caracterizando já sensivel progresso, e apreciaveis qualidades, que deixam bem adivinhar o largo horizonte que o escriptor um dia havia de encerrar firme e resolutos.

Rebello da Silva d'este romance em diante, começou a enriquecer as suas bellas faculdades apurando o estylo, e despiendo-o ás gallas affectadas, para lhe dar o relevo mimoso e singelo, que revelou no romance *A Mocidade de D. João V*, e que na apreciação que vamos encetar, esperamos fazer sentir.

Continua.

ERNESTO BIESTER.

ESBOCETO CRITICO.

A REDEMPÇÃO

DRAMA-COMEDIA EM 3 ACTOS

ORIGINAL DO SR. E. BIESTER.

Para nós, os que temos a peito as cousas nacionaes e que nos não envergonhámos, ainda que mal o pareça de timbrarmos em ser portuguezes, ha sempre prazer em relatar factos que possam provar aos incredulos, que ainda podemos ter um bom lugar entre as nações civilisadas.

Bem sabemos, que a epocha não é para isto, que maus vão os tempos para apresentar taes sentimentos hoje que as tendencias de todos nos impellem para os estrangeiros; mas costumados a acreditar nos nossos proprios haveres, não podemos, por mais que nos queiram convencer não podemos acreditar, que nos convenha mais brilhar com vestes emprestadas do que remediarmo-nos com os trajés caseiros.

Para os que não seguem esta opinião existe o passado a provar, que onde já houve riquezas, sciencias e commercio em grande abundancia, podem haver restos, senão mais, d'essas passadas grandezas. Para os que não creem no passado existem os monumentos, nada temos a dizer porque não nos cançamos com elles.

Bem sabemos, que para nós sobre tudo não podem haver orgulhos da actualidade, nem nos podemos lisongear com a nossa epocha, nem a comparar o dia de hoje com os que já lá vão. Engoiados têm sido os nossos progressos, nenhuma ou quasi nenhuma as nossas deseubertas e invenções; microscopicos os nossos adiantamentos; mas se, a verdade manda dizel-o, a generalidade dos factos tende a provar a nossa decadencia, temos todavia intervallos de vida, rasgos de vigor no meio d'este quebrantamento prolongado, d'este vegetar mortico, que nos dão esperanças de um outro viver e que nos obrigam a não duvidar das proprias forças.

É que estamos em circumstancias especiaes, que tambem concorrem para nos desalentar. É que mais do que qualquer outra nação temos um passado summamente glo-

rioso, que prejudica o presente; é que temos uma herança formidável, cuja responsabilidade nos quebranta, e que nos faz recear de que não a possamos legar aos vindouros no mesmo pé em que nol-a conservaram os antepassados.

Para um povo, que começa, qualquer passo na estrada da civilização parece muito, como para a criança, que entra na vida, o menor conhecimento de uma novidade, o menor trabalho é uma façanha; mas para nós, que contamos largos annos de vida, que em cada um d'elles, encontramos maravilhas, pouco nos parece o presente, pouco nos deslumbra a luz dos astros nascentes, cegos, como estamos pelo extraordinario brilhantismo dos que se somem no horizonte.

Isto para os crentes, para os que são portuguezes.

Para os outros, que só lêem pelos breviarios estrangeiros, para esses, que querem encontrar em diminuto terreno com poucas posses, e poucos homens, tudo o que apparece na superficie do mundo, praticado por myriades de habitantes com innumerous recursos; para esses tudo o que de nosso parece mesquinho e acanhado, como no aldeão que volta da cidade parece pequena e encolhida a aldeã em que nasceu.

E terão razão uns e outros?

Não nol-o parece. Uma nação que vive só de tradições, cava a sua ruína e promette poucos annos de vida. Um povo, que despreza os seus capitães, porque vê nas vizinhanças outros mais abastados, não só é incapaz de augmentar o seu patrimonio mas ainda tende á banca rota. Se o passado foi grande, o presente pode aproveitando a força que lhe concedeu o creador, equiparar-se com elle e talvez exceder-o. Se lá fóra existem paizes mais favorecidos pela Providencia, não devemos por isso desprezar a nossa partilha: pelo contrario, é de nossa obrigação augmentar a se foi parca, engrandecel-a se fór mesquinha, e trabalhar com alma para nos collocarmos a par dos que vão mais adiantados. redobrando de vigor para recuperar o espaço perdido.

Basta a vontade; com ella abalam montanhas, diz um proverbio estrangeiro, e não são insuperaveis as difficuldades para que desanimemos sem procurar removel-as. No grande banquete do universo, todos os povos pequenos e grandes, têm o seu talher, o alimento é distribuido proporcionalmente ás forças de cada um, e se os menos desenvolvidos têm um menor quinhão, nem por isso é de peor qualidade os alimentos, que lhe distribuem. Estimulados pelo passado, tenhamos coragem no presente e o futuro hade ser nosso.

E todas estas idéas nos occorreram a proposito de um drama; mas de um drama original, vasado em moldes portuguezes, com materiaes de nossa propria producção! É que o facto não é dos menos importantes, é que as suas consequências são mais extensas do que parecem, é que d'este acontecimento á primeira vista simples e trivial, se podem tirar illações favoraveis para os nossos adiantamentos futuros.

Bem contrarios têm corrido os tempos nestes ultimos annos para o nosso theatro. Invadido por estrangeiros, composto o seu repertorio quasi exclusivamente de traducções, se uma vez por outra apparecia algum original, em que se merecesse fallar era sómente para mais nos fazer sentir a sua falta, tão raras vezes eram; era para que ainda melhor apreciássemos as grandes vantagens da sua multiplicação; tão bom cunho traziam de verdadeiros portuguezes.

Alguem disse que não tinhamos theatro, e que não era mister tratar de o ter, alguem limitou as nossas riquezas dramaticas ás produções de Gil Vicente e Antonio José e desprezando as demais proclamou, como unica medida util, a implantação e cultura das producções francezas nos nossos palcos.

Não podemos concordar em taes pontos. O presente ainda nos dá esperanças; pennas que enobreceram os archivos dos nossos theatros ainda estão nas mãos de quem as maneja n'outros tempos, e se a morte do visconde de Almeida Garret foi uma perda irreparavel para a scena portugueza, não ficamos tão absolutamente desprovidos, que não se encontrem ainda na nossa litteratura elementos para compor um excellento repertorio.

E diga-se a verdade, se esse numero é tão escasso, a culpa provem dos que têm desprezado a arte dramatica, dos que a têm deixado ao desamparo, quando mais precisava de auxilio; provem dos que têm cercado os proventos dos auctores, dos que têm tido em menos conta os seus trabalhos, e dos que esquecendo-se das difficuldades, que um dramaturgo tem a vencer entre nós, não lhe têm estendido, uma vez sómente, mão amiga que os ajudasse na sua tarefa, que os encaminhasse n'aquella estrada.

Pouco ou nada recompensados, como são entre nós, os trabalhos dos auctores dramaticos, não podem ser julgados com o severa critica, que se applica ás producções estrangeiras d'este theor. De menos valor que sejam, mais incorrectas ou menos bem pensadas, desajudadas como nascem, desfavorecidas como vivem, são taes as provas de boa vontade, que dão, vivendo, seria inconveniencia senão injustiça dissecal-as da mesma fórma, por que se dissecam outras, as quaes o governo, os theatros, o publico e os leitores á porfia procuram lá fóra proteger.

Era assim, que tinhamos bem pouca esperanza de ver no novo anno alguma cousa no nosso primeiro theatro, que lhe provasse o titulo de nacional. Suppnhamos vel-o perdido, e vel-o, esmagado sob o pezo de traducções, imi-

tações, e originaes extranhos, tinha-mol-o considerado como a mulher perdida da escriptura tendo o sorriso sempre nos labios para os estrangeiros, que a haviam de esquecer depois de ter gosado em seus braços alguns momentos do fugitivo prazer.

Felizmente não foi assim. O anno novo tambem trouxe novidades áquella scena; e começando com bom agouro, promete continuar em tão bom caminho. Bem vindo seja, se taes são as suas tenções. Damos-lhe os emboras pela sua rehabilitação, e se no restante da sua vida, apresentar iguarias condignas ás que nos deu por mimo de boas festas, não teremos senão de lamentar a sua sua ausencia, quando seguindo a lei geral deixar de ser, para dar lugar ao seu successor.

Queremos fallar da *Redempção*, cousa, que o leitor não teria desconfiado até agora se ao principio o não prevenissemos, mas tantas e tão variadas foram as idéas, que a tal respeito nos occorreram com ligação mais ou menos remota com este intento, que mister foi cerceal-as e resumil-as, mais do que desejavamos, para que nos não acaretassem para muito longe do lugar, onde nos queriamos demorar. Já, e temos orgulho em o dizer, n'um jornal d'esta cidade, fallando por incidente d'este drama, ou se melhor o quizerem drama-comedia emittimos uma opinião, que o publico confirmou. Classificamos-lo como a melhor producção do auctor, como aquella, que reunia o sentimento do mancebo, com a experiencia do escriptor de theatro, e prophetisamos o bom successo e applausos que coroaram as suas representações.

E todavia a *Redempção* não é uma obra perfeita. Nem o seu auctor a pretende apresentar come tal; nem nós assim a concederíamos, sobretudo para que a amizade, que consagramos ao que a escreveu, nos não faça suppor benevolencias, que nestes casos nunca temos, e de que a composição não carece.

A *Redempção* é um drama da epoca, passado entre as classes mais elevadas da sociedade. Hoje que estas regiões se acham eivadas de francezas, dar um cunho portuguez a obras d'este genero. sem que se ressinta a cor local, é a primeira difficuldade com que o escriptor tem a lutar. Parece-nos que foi vencida neste caso. Ninguem ha, que desconheça n'aquelle caracter do marechal a lhanza e rude sinceridade de portuguez antigo nobilitado pelas cicatrizes e pelo valor, que se acha constrangido no meio das frivolidades, que a sua posição obriga a respeitar. O dialogo do terceiro acto com o doutor bem o prova: alli a homem, que herdou de seus paes timbres e pundonores, que o modernismo considera caturras, lucta para dominar as suas inclinações desusadas, mas que por fim prevalecem. É um dos bons typos, que alli se encontram e em boa companhia. O militar descuidado e valente, o poeta sensível e arrojado, a mulher na apparencia leviana mas no fundo do bom coração nobre, o martyr dos vicios da sociedade, o homem consumado pela experiencia, são todos caracteres verdadeiros, que todos os dias encontramos, muitas vezes até sem os percebermos. Tudo alli é novo até aquelle D. Rodrigo calumniador e voluvel, que faz o mal sem lhe prever o alcance. É um typo de que não carecemos, a quem se devem desgraçadamente muitas das desintelligencias e desordens, a que por mais de uma vez temos assistido.

A linguagem é elegante e correcta. Se não apparecem de quando em quando alguns dos archaismos, que a tantos aprezem, e que alli seriam mal cabidos, tem em paga um estylo ligeiro e agradavel, carregado onde a occasião o pede, imaginoso e feliz, onde os arrojados ao escriptor o acaretam para as regiões da poesia.

A acção e o pensamento n'uma obra de theatro são o que mais concorrem para o seu resultado. As platéas em geral embevecidas no contexto do enredo, desprezam o trabalho da phrase e o lavor da linguagem. São repetidos os lances de effeito, vêm na occasião em que o expectador os espera, o bom principio triumpho, o castigo vem punir os maus, é o que basta, e os applausos não falham n'esses momentos, sobretudo se se tem armado á popularidade e se se tem contado com o gosto dos presentes. Se o desfecho é pouco provavel, se as peripecias são absurdas e inimaginaveis, se o drama pede sentimento e não movimento, são cousas que não se julgam nem se attendem n'aquelles lugares. Venham embora sejam como foremo forem, por que o publico, que nunca mais pensa no que viu, só deseja comprar emoções, que não encontra na sua vida ordinariamente monotona.

Quasi todos os dramas se resentem d'estas causas á que preferem os ouropcis dos bastidores, ás gallas verdadeiras do gabinete; os que sacrificam a verdade ao effeito; o publico em geral a platéa, se conseguem o seu fim como dramaturgos ficam bem longe do resultado a que aspiravam como escriptores. Os triumphos do theatro murcham ao apagar da ultima luz do palco, as glorias scenicas passam breve, e o livro não morre, a través das gerações, falla aos vindouros, e vai apresentar em alto relevo o merecimento do author.

Nem sempre são d'esta opinião os authores dramaticos, e por isso ou se contentam com os effeitos theatraes, ou se a mais aspiram publicam o seu trabalho em livro, esquecendo-se de que a analyse pausada e severa do leitor differe muito dos apercebimentos incompletos do expectador desatento.

Não peccou a *Redempção* n'este ponto, até segundo nos parece aproximou-se do polo opposto. Destinada pelo um author a vida mais larga do que aquella, que o

theatro lhe podia offerecer, resentiu-se d'esta intenção e veio para a scena ataviada de mais com as gallas, que só competiam ao livro. Assim parte do effeito de algumas situações foi prejudicada, pelos rasgos largos de mais de bem pensadas fallas. N'estas occasiões em que o movimento he tudo, em que todos anhelam pelo desenlace, a melhor philosophia é mal cabida, as mais justas sentenças esfriam a acção. E este foi para nós o maior peccado do drama. Comprehendemos, que bastante custa ao author sacrificar as suas idéas, ás vezes, admiraveis, aos caprichos de um quasi sempre caprichoso publico, mas ali que o livro ficava; ali que o author podia desafogar na imprensa todo o enthusiasmo, que lhe incendiava o coração, o sacrificio era pouco custoso e de facil reparação.

Gradualmente nos couduz do 1.º até ao terceiro acto de sentimento em sentimento, accrescentando o interesse e multiplicando as emoções. Vai muito do primeiro ao ultimo, n'aquelle é a vida simples de familia, não agitada das paixões, nem alterada pelas iras; n'este é essa mesma vida, mas então lacerada pela discordia, amargurada pelo remorso, despedaçada pela desesperança. Tambem o regato corre sereno no verão, e mais tarde se as torrentes do inverno o tornam caudaloso e temivel, devasta os campos, que ha pouco fertilizava, aniquila e some os homens a quem, ha pouco matava a sede.

Se a separação é tão sensível tornem a culpa á sociedade donde o drama foi extrahido e não ao auctor, que só peccou em fallar verdade. Se o primeiro é frio e enregelado, em frente do ultimo arrebatado e fervente é por que tambem a lava, que em tempo assolou e queimou os campos, pode mais tarde, contribuir para a sua fertilização. É porque os dias succedem-se, uns aos outros e não se assemelham; é porque a vida humana como a lava, como a torrente, como o furação da tempestade pode, umas vezes acalentar os mais doces sentimentos na harmonia e na paz, outras vezes em borrascas temerosas esmigalhar tudo, por mais santo que seja, que pretenda oppor-se á sua obra de devastação.

Não suppomos defeito, como se deduz do que deixamos dito a pouca acção do primeiro acto, que por ahí obtivimos censurar a muita gente. Aquelle contraste era necessario para o pensamento do drama, era mister que o expectador apreciasse, que viver socegado e feliz perdia a pobre Anna por um erro do passado, que repouso se lhe acabava e como uma impensada culpa podia transformar uma existencia de paz e de amor n'um agonisar de expiação e remorso.

Se o homem, que pretender indicar os estragos de uma guerra civil, se nos conduzir pela mão a um campo de ruinas talado pelo ferro e pelo fogo conseguirá, bastante para o seu fim, mas o seu resultado será incomparavelmente mais proficuo se nos pudesse antes deixar ver as searas, os gados, a fertilidade, a alegria e a vida, n'aquelles logares onde só encontramos pouco depois, cinzas e devastação.

Antes de apreciarmos a nosso modo a idéa geral do drama ao que somos obrigados, quanto antes, pela extensão d'este artigo desejamos lembrar aqui ao author uma situação pouco provavel, e que enegrece bastante o caracter de uma das principaes personagens até então e d'ahi em diante mesmo, sympathico e brilhante, sobre o qual mais agradavelmente descansava a attenção do publico.

Queremos fallar de Luiz e da scena, em que este vendo sua mãe rojando-se-lhe aos pés, pedindo-lhe perdão de mãos erguidas, consente-a assim, sem que lhe dirija ao menos uma palavra de consolação. D'aquelle coração generoso, nunca se deve esperar uma indifferença semelhante. Embora veja cahir de repente futuro e amor, embora se veja despojado do nome, para ficar com outro que não pôde proferir diante dos homens; embora veja tudo em que acreditou aniquilado e prostituido, uma alma d'aquellas, entra a magua em si, com perigo de abafar, mas não vai cravar o punhal do desespero n'um seio amado, no seio amado de sua mãe.

Largos annos o tem costumado a respeitar aquella, que o criou, para que de repente, de um momento, para o outro, essas recordações desapareçam, e o coração se lhe endureça de todo. O instincto, o sentimento levavam-no a consolar a afflicta, embora esse esforço lhe estalasse o coração: a reflexão viria depois mais fria e pausada, mas o primeiro impulso tinha transparecido, e não se teria visto, com bastante pena, a mãe aos joelhos do filho e o filho a maldizer a mãe.

Quiz-se alli carregar o quadro e fazer destacar em bem negras cores o amargor do soffrimento, que tinha de purificar a peccadora do seu passado de culpas; mas já era bastante ver os filhos perdidos, deshourados, mortos talvez e não era mister manchar o bello caracter do poeta, com uma indifferença, que bem se aproxima de maldade.

Todas as composições para o theatro, as de vulto está entendido, devem ter um fim moral e um pensamento philosophico, que doutrine o expectador e o aconselhe a amar o bem. Se alguma não preenche este fim deve ser dispensada por inutil, ou prohibida como prejudicial. O da *Redempção* posto que simples, é evangelico e christão. Alguem por ahí lhe chamou immoral, e inconveniente, mas o que ha que não tenha sido censurado e qual a cousa, que não tenha encontrado opposicionistas e detractores? Rehabilita-se a peccadora pela expiação, sanctifica-se a culpada pelo soffrimento, e abre-se para o arrependimento uma entrada onde fulge o pharol da esperan-

ca. Eis o que d'ali se colhe quando se pensa um pouco na intenção do auctor e no dizer da composição.

Se a mulher tendo peccado, encontra depois o perdão da culpa, é porque o comprou á custa de amarguras crueis; se a mulher perdida entra no mundo, ao pé das puras, é que toda a mancha desapareceu no baptismo da dôr. E queriam outro desenlace os nossos moralistas tartufos? Queriam negar toda a esperança ao peccado, toda a redempção á culpa! Esqueçam pois as palavras de Christo á Magdalena, contestem o que disse da mulher adultera, e para serem coherentes na incoherencia calquem aos pés os Evangelhos, e a sua santa moral, para lhe substituirem, quatro trivialidades chóchas de bombactica hypocrisia.

Caminhe pois o nosso auctor, que a estrada se lhe desenrola diante e os progressos teem sido sensiveis; conserve a mesma proporção, que tem distanciado as suas producções e sempre para melhor, que lhe esperamos um bom futuro, e lhe auguramos maiores triumphos. A sustentação do theatro nacional, é empreza nossa, de todos os que teem amor pelas cousas patrias, amor sagrado para que todas as forças se devem concentrar, para que todos devem concorrer, porque só do commum empenho, pôde provir a nossa reabilitação futura, a civilização e o progresso.

Esta missão é de todos, todos devemos ser seus apóstolos, e mais felizes do que os discipulos de Christo, não cremos que a nosso lado se encontre um Judas.

Temos ditto a nossa opinião, e mais extensamente do que deviamos sobre o novo drama — *A Redempção*. Dos prelos do editor da *Illustração* vai ella sair acompanhada com uma memoria do sr. Mendes Leal sobre theatro portuguez. Para os que assistiram ás representações, é o livro necessario, como um complemento d'aquelle trabalho; para os outros é uma fonte de bellos recursos, e de pensamentos mais bellos ainda, que se não deve desprezar, mórmente hoje, que nos ameaça a ardenscia.

Agora que damos os parabens ao theatro e ao author, agora, que a nossa opinião é lisonjeira para a obra, lamentamos não a poder authorisar com outro nome, que não fosse o de

R. PAGANINO.

O NOVO LORD MAYOR DE LONDRES.

Nem só os membros da camara alta tem o titulo de *lords*, como todos os nobres por nascimento ou por nomeação regia; este distinctivo honorifico é alem d'isso inherente a muitos cargos, entre elles os *lords mayors*, que são como os magistrados civis e dos municipios denominados em França *maires*. O mais importante d'estas ultimos é o *lord mayor* de Londres. Este magistrado municipal, que tem immensas attribuições e prerogativas, e de ordinario é escolhido entre os mais opulentos negociantes e proprietarios, deve como todos os outros *mayors* pertencer á classe dos burguezes. O seu cargo é electivo e annual; assim que o deixa volta ás funções e hierarquia dos *abermens*, especie de vereadores municipaes. A escolha, feita pelos electores da *city*, é submettida meramente *pro forma* á approvação real. O *lord mayor* reside n'um grande palacio situado no extremo da ponte de Londres e que se denomina *Mansion-House*. Esta instituição remonta ao seculo 13.º; calcula-se que o rendimento annual do cargo é de vinte mil libras estrelinas; faz com tudo grandes despezas, nomeadamente por occasião da recepção de principes, festejos nacionaes, e n'outras identicas occasiões. A sua instalação é feita com extraordinario e mui luzido e numeroso cortejo: o *lord* dá então um banquete sumptuoso, onde ás vezes concorrem para mais de mil pessoas.

O *lord mayor* no corrente anno é M. David Salomons, que nasceu em Londres em 1801, e posto que de ascendencia hebraica, seu pae e avós eram ambos naturaes de Inglaterra. Já serviu diferentes cargos publicos e até chegou a ser eleito membro da camara dos communs. Antes

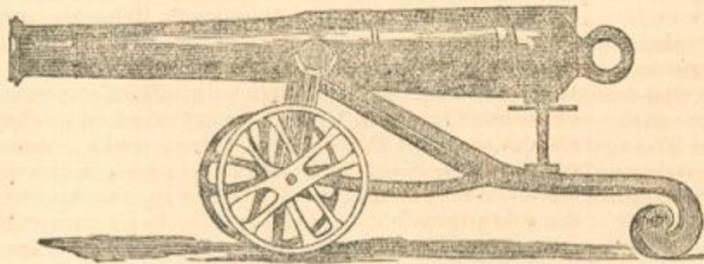


O novo Lord Mayor de Londres.

de entrar no exercicio da sua actual magistratura assistiu ao officio divino n'uma das igrejas metropolitanas do culto reformado — circumstancia que só admirou (diz um jornal de Londres) a quem ignorava que M. Salomons, tempos antes, tinha edificado uma igreja anglicana em as suas fazendas no condado de Kent.

CARRETA RUSSIANA.

Tem-se notado a rapidez com que as tropas russas retiravam do perigo as suas peças nas batalhas que perdiam contra os alliados; e o facto era que a artilheria ingleza e franceza apenas levava ao campo as de calibre nove e doze, e os russos conduziam bocas de fogo muito mais peizadas; a solução está nas suas bem fabricadas carretas, viaturas de rodas altas e poderosa força de tracção.



A que está figurada na estampa foi tomada em Kertch pelo capitão inglez Lyons, que lhe mandou pintar na culatra da peça um letreiro em que designava ter sido presa da embarcação britannica *Miranda* feita ao commandante da estação naval russa no mar d'Azoff. Na carreta russa, que figura como tropheu no arsenal em Inglaterra, está agora montada uma peça ingleza.

NOTICIARIO.

Longo seria este artigo, se quizessemos enumerar os desastres, perjuizos de fazendas, e perdas de vidas que o inverno mais calamitoso tem acarretado não sómente sobre Portugal, mas em geral pelo continente europeu, segundo as datas das ultimas noticias.

Ha dois dias um naufragio, de que não ha noticia ha muito tempo nas costas maritimas do reino, arrebatou dez victimas a suas inconsolaveis familias. O 'Oriente'

brigue procedente d'Angola, antes a 'Flor de Setubal' deu nas restingas da praia áquem de Cabo Raso, e ahí se perderam dez homens, entre elles o capitão, filho do sr. Faria, e um irmão do sr. Paiva Pereira, nosso ministro na corte de França.

A carregação do navio constava de marfim, cera, couros, e gomma copal; estes ultimos objectos padecem por sua natureza avaria grossa; mas o marfim e a cera, segundo as providencias que se tomaram serão salvos pela maior parte.

Hoje os agentes dos seguros partiram para o logar do sinistro, e cre-se que apesar de desfeito totalmente o casco da embarcação, aproveitar-se-ha muita parte da descarga.

No Ribatejo os excessos das chuvas e do temporal, tem causado estragos que põem a povoação camperina fóra do abrigo de suas choupanas, e entregue á penuria pela absoluta falta de trabalhos. Felizmente o flagello não achou as lezírias semeadas.

O Algarve é a provincia que mais tem padecido; victima durante o outono, dos esragos da epidemia, que deixou orphãos desvalidos, e viúvas sem amparo; tendo perdido a melhor parte dos fructos da sua producção agricola, pela intemperie das estações passadas, por exemplo, o figo e outras passas que são elemento da sua industria e commercio; perdidas as suas pescarias pelo intratavel es-

tado dos mares; levadas as terras e as habitações mais interiores da provincia pelas torrentes das montanhas; invadida a beira-mar pela violencia de mares empolados que ameaçavam em muitos pontos subverter a costa; veiu cumular tantos danos um abalo de terremoto, que fez consideraveis perjuizos nas habitações, ainda dos mais abastados, nomeadamente em Loulé e nos povos da terra. Parece que o governo providenciará do modo possível prompto remedio a tantas fatalidades conjunctas e inesperadas.

Aqui abriram-se as sessões do parlamento. O sr. Silva Sanchez foi elevado ainda outra vez á presidencia da camara electiva, merecendo os suffragios dos seus collegas e a escolha da corôa.

Na visinhança Hespanha, a guarda das côrtes, composta de milicia nacional, rompeu no dia 7 n'um attentado que infringiu todo o direito de uma nação bem constituida, attentando contra a inviolabilidade do parlamento. Uma representação de alguns habitantes de Saragoça, desattendida pelos termos em que era escripta, qualificados de facciosos pelo governador civil de Madrid, o sr. Cordero, excitou a auimosidade da opposição; e não se sabe como se repercutiu em a guarda que velava pela segurança do sanctuario das leis.

O facto, tão lamentavel, não teve consequencias, apesar de alguns grupos que mostravam assentimento; as auctoridades procederam com energia e os culpados acham-se entregues aos tribunales.

Consta que o gabinete terá muitas modificações no seu pessoal; o embaixador em Lisboa, o sr. Escosura, homem de eminentes dotes politicos e moraes, entrará, segundo se diz, no gabinete.

O editor pede desculpa aos srs. assignantes de se não ter dado este jornal no sabbado, como se havia promettido no prospecto, o que por emquanto não tem sido possível, apesar de todos os exforços, em consequencia da repentina doença da pessoa encarregada da sua direcção; porém já estão dadas as providencias para a sua regular publicação.